

# O QUE É UM TEXTO?

**CARMEM LUCI DA COSTA SILVA**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Uma palavra pode ser considerada um texto? Um *meme* é um texto? Um romance é um texto? A esses questionamentos podemos agregar muitos outros, devido à variedade enorme de usos da linguagem que encontramos na vida social. O texto apresenta diferentes relações, que se atrelam à consideração dos seguintes aspectos: *o que o texto diz, como se organiza para dizer o que diz, qual a situação de interação, qual a situação social de circulação e quem diz/para quem diz*. Os dois primeiros aspectos — *o que o texto diz* e *como se organiza para dizer o que diz* — vinculam-se às relações internas do texto (relações entre palavras, frases e parágrafos — este último elemento vinculado ao texto escrito; também envolve, por exemplo, relações entre imagens e palavras em seu interior), enquanto os três últimos aspectos — *qual a situação de interação, qual situação social de circulação e quem diz/para quem diz* — vinculam-se às relações externas do texto, embora internamente o texto contenha pistas para que sejam estabelecidas tais relações com a exterioridade.

A importância de se considerar esse duplo aspecto de um texto — *interno* e *externo* — permite pensar o texto fora dos limites de extensão e como contemplando elementos no seu interior vinculados a aspectos exteriores. Uma ilustração interessante acerca desse duplo aspecto consiste na exploração dos sentidos de uma palavra como *pare* fora do contexto de interação social e em contexto de interação. Se tomarmos essa palavra fora da interação, podemos identificar, em seu aspecto interno, um significado na língua — forma verbal imperativa —, porém, se considerarmos essa palavra em uma placa de trânsito, ela não somente significa algo, como também exerce função social na interação, porque atrelada à situação de trânsito com suas regras. No primeiro caso, temos uma forma com sentido na língua; no segundo caso, temos uma forma com sentido na língua que, para além disso, está relacionada a seus empregos sociais, ou seja, relacionada à língua em uso, inserida em uma prática social (o trânsito e suas regras). Com isso, para abordarmos um texto, precisamos considerar, simultaneamente, seus *aspectos internos e externos*, por cumprirem o papel de veicular significação entre as pessoas e por permitirem o encontro dessas pessoas por meio da linguagem. Por isso, o texto é um objeto de *significação* e de *interação*.

Como *objeto de significação* e constituído por *relações internas*, o texto produz sentidos por ter seus elementos numa *relação* em que a escolha de uma forma afeta o sentido de outra(s) com as quais se combina. Assim, construir e perceber sentidos em um texto não implica pensar

na soma de seus elementos e nem em sentidos dicionarizados de palavras empregadas, mas perceber a rede de relações estabelecida, em seu interior, pelas escolhas operadas por quem o produziu. A partir disso, somos automaticamente levados a pensar que o sentido de um elemento, no interior de cada texto, é resultante da presença simultânea de outros. O texto, desse modo, pode ser comparado a um tecido, em que cada fio está em relação com outros para a constituição do sentido do todo. A consideração do texto, com base nessa noção de *relação*, centra-se na tessitura textual, fato que possibilita, por meio da exploração da relação entre seus elementos, verificar como se configura o seu sentido global (seu tema).

Como *objeto de interação*, o texto relaciona-se à situação de produção e recepção, envolvendo elementos ligados ao contexto imediato (interação entre pessoas) e ao contexto social (político, econômico e ideológico). Nesse caso, os *aspectos externos* (sentidos que circulam na sociedade) são constitutivos dos sentidos implicados nas relações entre elementos presentes no interior do texto. Como cada produtor e cada receptor podem estar inseridos em distintos lugares sociais, as relações de sentido estabelecidas em um texto dependem desses lugares nos quais produtor e receptor se inserem. Nessa perspectiva, embora o texto seja finito, promove uma abertura, na interpretação, para sentidos que circulam no contexto social.

Um texto apresenta variação de extensão e de recursos linguísticos e não linguísticos, conforme as situações de produção e de recepção, seus propósitos na interação entre pessoas e o gênero discursivo (artigo de opinião, carta administrativa, tiras, charges, carta de leitor, crônica, conto, placas de trânsito, postagens na internet etc.). Para além das tipologias textuais tradicionais (textos descritivos, textos narrativos, textos dissertativo-argumentativos, textos explicativos etc.) circulam na nossa sociedade textos que combinam diferentes modos de realização da significação, com a combinação de aspectos linguísticos e não linguísticos, caso dos *memes*. Assim, os gêneros discursivos não se definem somente por aspectos formais, mas também pelas funções sociais e propósitos que exercem nos diferentes contextos de atividades humanas (jurídicos, administrativos, jornalísticos, acadêmicos, midiáticos etc.) aos quais se vinculam. Nesse sentido, a abordagem dos gêneros discursivos como fenômenos históricos, porque vinculados à nossa vida social e cultural, agregam aos textos (falados, gestualizados

— caso de línguas de sinais — e escritos) recursos diferentes (imagens, marcas tipográficas etc.). De fato, cada vez mais surgem novos gêneros devido às inovações tecnológicas e às necessidades socioculturais dos diferentes contextos de atividades humanas.

Conceber o texto como objeto de *significação* e de *interação* implica levar em conta a conjunção dos *aspectos internos* e *externos* em sua produção e recepção. Isso porque o produtor, ao fazer escolhas linguísticas (aspecto interno), deixa marcas de si e marcas de implantação de um interlocutor (aspecto externo). Explorado por esse ponto de vista de imbricação entre aspectos internos e externos, o texto é mediação entre um produtor e um receptor. A relação entre os *aspectos internos* e *externos* em um texto também pode ser observada pelo emaranhado de vozes nele presentes, sejam vozes explícitas (como o uso de aspas e de verbos como “falou”, “disse”, “comentou” etc., marcas indicadoras de vozes de outros além da do produtor, fato que remete a outros textos), sejam vozes implícitas (no exemplo *Ainda não chegou a vacina para a covid*, as palavras “ainda” e “não” evocam uma voz implícita de que “chegará a vacina para a covid”).

Além disso, o uso de adjetivos e advérbios deixa pistas relativas à posição do produtor acerca do conteúdo de que trata o texto. Nesse sentido, um texto, ao veicular um suposto conteúdo como “A linguagem é complexa”, pode revelar diferentes posições de quem produz, conforme o modo como o conteúdo é dito, fato que observamos nos exemplos a seguir: *Certamente, a linguagem é complexa* e *Talvez a linguagem seja complexa*. Nos dois casos, embora o conteúdo seja semelhante (“a linguagem é complexa”), as posições assumidas por quem o afirma são distintas, respectivamente, de certeza e de dúvida. Daí a necessidade da observação atenta do modo como o texto se organiza para veicular determinado conteúdo, do modo como apresenta pistas que remetem a posições do produtor e pistas relacionadas ao modo como implanta o interlocutor (quem lê, quem escuta, quem observa — caso de gestos e de elementos não verbais). Assim, conceber o texto em seus *aspectos de significação* e de *interação* envolve pensar seu tema, sua composição/organização, seu estilo, a posição de quem o produz, como dialoga com os interlocutores e como se situa no contexto imediato de interação e nos contextos socioculturais de circulação.

Se considerado como uma mescla de modos de manifestações — linguístico (composto por unidades da língua) e não linguístico (composto

por figuras, imagens, cores etc.), o texto apresenta distintos modos de expressão (som, grafia, gravura, imagens etc.) para veicular seu conteúdo. Assim, o sentido é construído pela relação entre elementos verbais e não verbais, atrelados à sua interioridade (relação entre elementos nos limites internos) e à sua exterioridade (situação imediata de interação e sociocultural). Um texto publicitário, por exemplo, pode reunir diferentes modos de realização para seduzir o público a comprar o produto; também os *memes*, construídos para criarem efeito de humor e produzirem críticas sociais, combinam elementos linguísticos e não linguísticos que requerem dos interlocutores o estabelecimento de relação desses elementos a sentidos de outros textos que circulam na sociedade. Novamente, vemos a importância das relações internas e externas para o texto se constituir como objeto de *significação* e de *interação*.

O texto em seu duplo aspecto — *objeto de significação* e *objeto de interação* — contém *relações internas* e *externas* em complementaridade. Se considerarmos apenas as relações internas, teremos “perdas” implicadas nos sentidos ligados à interação. Se considerarmos somente as relações externas, os sentidos podem “perder-se” em contextos jamais previstos pelas relações inscritas no interior do texto. Por isso, é importante adotar esses aspectos e relações em conjunção, ou seja, como interdependentes.

Nascemos na linguagem e vivemos imersos na linguagem, que se materializa em textos. As produções e recepções de textos, ao serem pensadas como envolvendo a *relação* entre elementos, entre interlocutores e em diálogo com a situação, são, constitutivamente, uma espécie de corrente com vários elos (unidades da língua, sujeitos e situação) em que as formas materializadas no uso são produtoras de sentido e revelam, a cada experiência humana de produzir e receber textos, nossa condição humana de seres de linguagem, em que estamos em uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível com um parceiro, ambos inseridos em dada sociedade, com valores da sua cultura.

Portanto, o princípio central de um texto envolve pensar os distintos modos como ele estabelece a *relação* entre seus elementos internos (*o que o texto diz, como se organiza para dizer o que diz*) e a relação dos elementos internos com os externos (*qual a sua situação imediata de interação, qual situação social e quais parceiros envolvidos na interação*).